

# Estação é responsável pelos danos

O Lago encontra-se em completo desequilíbrio, fácil de constatar logo no primeiro contato com suas águas verdes e mal cheirosas, onde é comum encontrar peixes mortos. A Caesb confirma as suspeitas de poluição, proveniente principalmente de um excesso de matéria orgânica.

As duas estações de tratamento de esgoto, Norte e Sul, são consideradas as grandes responsáveis pela tragédia. Projetadas para atender uma população de 225 mil habitantes entre Plano Piloto, Guará I e II, Núcleo Bandeirante, Candangolândia, Metropolitana, Cruzeiro Novo e Velho, Área Octogonal e Setores de Indústria e Militar, as Estações não conseguem tratar todo o material coletado da região da Bacia do Paranoá, gando 130 litros de esgoto in natura por segundo no Lago.

Rico em matéria orgânica, que traz consigo uma grande quantidade de fósforo, nitrato de amônia, o Paranoá sofre atualmente um processo de eutrofização, que proporciona a reprodução das algas em larga escala e consequentemente uma diminuição dos níveis de oxigênio na água. Outro problema levantado é a questão da contaminação das águas através dos coliformes fecais, quem sabe até vindos de doentes internados em hospitais.

Nesse ponto, o diretor de Tecnologia Ambiental da Caesb, Arides Silva Campos, foi taxativo: "O esgoto dos hospitais é tratado". Ele lembra que a Caesb faz, há 10 anos, coletas e medições das águas do Paranoá e dentro do possível tenta solucionar os problemas existentes. Os peixes são as provas mais concretas da realidade. Reduzidos a apenas 10 espécies, podem ser encontrados mortos em períodos mais críticos, quando os índices de oxigênio na água caem bastante.

Em junho, durante as medições da Caesb, foi constatada a presença de 3,5 miligramas de amônia em cada litro de água colhida junto à estação de tratamento Sul.